

## **2.4 – Antologia da Poesia da Guerra Colonial**

Extrair do imenso, heterogéneo e poeticamente irregular corpus da poesia da Guerra Colonial, recolhido no âmbito deste projecto, um corpo textual que equilibradamente mostrasse os temas, as formas, as características desta produção poética, foi um considerável desafio científico e de gestão de um projecto sem dúvida pequeno para o material com que acabou por ter de lidar. De facto, o projecto da poesia da Guerra Colonial não pressupôs apenas um exigente trabalho de investigação, documentário, recolha, leitura e selecção. Como é visível pelo relatório apresentado, implicou sobretudo um relevante esforço crítico para recolocar a questão do que é poesia, sobretudo quando ela é portadora de uma memória subjectiva – memória poética – e, de qualquer modo, de uma memória ameaçada. Num primeiro momento, muitas das escritas recolhidas pareciam de facto desempenhar mais uma função pragmática, documental, e, portanto, oposta à função poética. Assim, os critérios de selecção e organização dos textos foram sempre acompanhados de uma discussão ampla sobre a poética, a memória, o esquecimento, as suas relações com a poesia e, em particular, a poética em tempo de guerra. A preocupação metapoética foi sendo ao longo do projecto essencial para chegar aos pontos estruturadores não só da antologia, mas também dos índices gerais, dos documentos poéticos *in progress* e, mais em geral, dos quadrantes da memória poética que retém experiências únicas, traumáticas, dilaceradas, mas também de descoberta e de iniciação, e que se misturam com mitologias vivenciais e humanas, que fora de um enquadramento escrito, estariam condenadas a um progressivo esquecimento. Tem esta constatação a intenção de enfatizar a importância da dimensão crítica que se investiu no projecto, muito além das formulações hipotéticas de partida. A contribuição ensaística que decorreu destas reflexões foi resumida nos textos que acima apresentamos (Parte II) e que em parte integrará a introdução à *Antologia da Poesia da Guerra Colonial*.

Reunir este arquivo da poesia da Guerra Colonial foi portanto pôr em causa o seu próprio estatuto, no fundo a sua própria existência enquanto forma muitas vezes à margem da imaginação literária. Por isso, a coordenada dominante para organização desta antologia é portadora de um duplo signo, ao mesmo tempo temático e formal, implícito nas três aporias da representação moderna do paradigma da “war poetry” configurado no pós Primeira Guerra Mundial – experiência, modernidade e representação – e na relação constitutiva da poesia entre choque, memória e poesia.

De facto, a poesia proporciona à memória um modo formular de conservação e transmissão do que modernamente chamaríamos experiência. Confere, poderíamos dizer, uma forma – uma moldura – à matéria mnésica, fixando-a e configurando-a. A sua forma de expressão e as suas

técnicas de expressão – o verso, a rima, a repetição, a variação entre outras – concorrem para este duplo objectivo: dizer, expor e conservar dentro de um código, de uma tradição, de um gosto. Dito isto, a ‘antologia’ que propomos pretende esboçar uma ontologia do sujeito (poético) no instante do choque e do trauma pessoal e nacional, ou seja, no instante da intersecção entre uma perda individual – o paraíso perdido anterior à guerra pela desagregação do sujeito – e colectivo – a configuração ultramarina da nação e, conseqüentemente, a sua dimensão imperial.

Contudo, a antologia da poesia da Guerra Colonial não se propõe escrever a história pela poesia, como num livro surpreendente fez por exemplo António Gedeão compondo uma história de Portugal a partir das emergências poéticas da sua história cultural. Na linha de Agamben tratamos o poema como ‘material’ e ‘modo’ de fundação de uma poética de restos (de gente, de impérios) ou de perdas, cuja reconstrução se executa pelo texto poético.

Para todos, a Guerra Colonial foi essencialmente um percurso de perdas: perda da juventude, da família, da inocência, da vida, resumida na perda do mundo anterior à guerra para aqueles que foram obrigatoriamente convocados não manifestando qualquer suporte ideológico à guerra; perda do país, da vida, da família, da normalidade para aqueles que politicamente optaram pela deserção ou pelo exílio; perda da nação para aqueles que convictamente lutavam.

Assim para além dos macro-temas tradicionais das cartografias de uma poesia de guerra e que esta antologia contempla – Partidas, Quotidianos, Morte, Memória da Guerra, Cancioneiro – desenham-se dois dos tópicos mais específicos desta guerra: Contra a Guerra e Pela Guerra. Trata-se de textos na sua maioria de grande compromisso ideológico e escritos em “estado de guerra”. Quem estava contra a guerra exhibe uma revolta; quem estava a favor da guerra perde tudo, e exhibe uma expiação. E só no poético se encontra a forma de “sobreviver à catástrofe”, seja, no reconhecimento de um percurso africano para o caminho da liberdade, seja na exibição retórica do tema da nação, da heroicidade, da guerra, mas que não é mais do que o grau de expressão de culpa. O dizer poético destas perdas, que é extremamente individual, cria uma espécie de macro-tema, a dor de guerra, que é indizível, porque só individualmente se expressa. Não há uma idealização, há ideologia, mas a dor e o abandono são as duas condições comuns.

A intersecção poética entre o individual e o colectivo – para além das muitas sugestões temáticas nela contida – gera uma nova ferramenta para fundar a memória cultural deste episódio trágico da história contemporânea portuguesa (em muitos sentidos ainda bastante recalcado), estimulando a reflexão pública alargada, e assim concretizando uma dimensão formadora. Nesta linha, a antologia de poesia que persegue temática e ontologicamente esta intersecção representa uma outra tentativa de construir um céu da memória como dimensão de cidadania, onde o passado será parte de uma história literária, cultural e cultural colectiva e não só pessoal.

Após a exposição teórica dos problemas e das reflexões que a feitura desta antologia levantou, torna-se claro que mais do que nunca esta antologia seria um percurso dos antologiadores, uma narrativa que os pesquisadores constroem. Mas ela terá de ser também um percurso que cada leitor constrói. A estrutura de apresentação que propomos é temática e revela duas preocupações: por um lado, dar à antologia uma ampla e reconhecida dimensão de divulgação, e, por outro lado, proporcionar ao leitor uma rápida identificação da poesia da Guerra Colonial como uma poesia de guerra, na medida em que recupera os temas em que todo o sujeito histórico se reconhece. No entanto, e tentando abrir esta estrutura temática de feição mais tradicional, serão propostos índices finais que possibilitarão uma multiplicação de leituras e um traçado de leitura para cada leitor: serão assim propostos índices de leitura por contexto geográfico (Angola/ Moçambique/ Guiné-Bissau); por autores; por época histórica; por conceitos. Desta forma, a partir de uma possível leitura proposta por macro-temas – que naturalmente identificam os grandes eixos temáticos desta poesia – a antologia torna-se como que desmontável e o leitor poderá gerar outras montagens que lhe proporcionarão outras leituras da poesia aqui reunida. A cooperação proposta ao leitor torna-o um antologista, para que também ele construa o seu livro potencial, o seu livro do desassossego, ficando assim mais fluidos critérios pessoais (nomeadamente de gosto) que inevitavelmente caracterizam as antologias. Esta perspectiva de obra aberta tem a sua razão literária, mas também lhe subjaz uma visão ética de assim contribuir para a construção de uma memória poética compartilhada.